



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



O mundo como o conhecemos está ruindo?

Para a minha geração, é difícil compreender o que vem acontecendo com a política externa americana

Eu cresci vendo os EUA como o país que lidera o mundo liberal e democrático. Foi o país que entrou em duas guerras para tirar a Europa do abismo. Por isso, para a minha geração, é difícil compreender o que vem acontecendo com a política externa americana. O país ainda hoje exerce um papel importante como um dos principais atores na resolução de conflitos. Porém, em uma guinada, parece ter deixado de lado tanto seus aliados quanto seu discurso histórico. Dá a impressão de estar deixando um espaço vazio à mesa -porém, não existe vácuo em poder.

O aumento de tarifas anunciado pelo governo americano não condiz com o discurso de um país que se autoproclama liberal

há tanto tempo. Trata-se de um retrocesso histórico. Em 1941, o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill assinaram a Carta do Atlântico, na qual defendiam a promoção da cooperação econômica e da segurança entre os países em um futuro pós-nazismo. Segundo o estudo Trade in Wars Darkest Hour (Organização Mundial do Comércio), “assim, Churchill e Roosevelt reconheceram a relação entre a colaboração econômica internacional e a paz e segurança duradouras”. De acordo com o mesmo estudo, esse acordo pode ser considerado o primeiro passo rumo às regras econômicas multilaterais do pós-guerra.

O que se sabia na época era que um aumento do protecionis-


mo no pós-guerra poderia levar o mundo ao mesmo resultado econômico catastrófico vivido nos anos 1930. Por isso, a busca por acordos de livre comércio era fundamental para promover o crescimento econômico. O Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (Gatt) -precursor da criação da Organização Mundial do Comércio em 1995- foi estabelecido em 1947. O Brasil foi um dos signatários do Gatt e um dos membros fundadores da OMC.

As vantagens do comércio são conhecidas e podem trazer múltiplos benefícios aos países signatários. Ele eleva o bem-estar ao ampliar a concorrência, diversificar a oferta de bens e reduzir preços, o que aumenta a renda real. Também pode funcionar

como alternativa à imigração ao contribuir para a equalização salarial entre países. No entanto, a atual política americana segue na direção oposta, restringindo tanto o comércio quanto a imigração -um caminho com consequências negativas para sua economia. Além disso, acordos comerciais têm potencial político: podem aproximar antigos rivais, como mostrou a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço em 1951, embrião da União Europeia, com França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Bélgica e Luxemburgo entre os signatários.

O Brasil pode se beneficiar da nova configuração da política internacional para buscar novos acordos comerciais. Um primeiro passo seria o Congresso rati-

ficar o acordo de comércio com a União Europeia. O governo federal também poderia negociar um acordo com os Estados Unidos, reduzindo as tarifas aplicadas pelo Brasil sobre produtos americanos e, ao mesmo tempo, buscando evitar aumentos tarifários por parte dos EUA. Além disso, o país poderia abrir as portas para uma nova onda de imigração. Como mencionei na minha coluna “E se a imigração for a solução?”, fluxos migratórios podem aumentar o dinamismo da economia. Para um país que está preso na armadilha da renda média há 40 anos, novos acordos comerciais e um novo ciclo migratório poderiam contribuir significativamente para o crescimento de longo prazo.




BANRICOMPRAS E VERO


A DUPLA IMBATÍVEL

PRO SEU NEGÓCIO VENDER MAIS.

**Pra quem compra,
é sem juros.**
**Pra quem vende,
é a menor taxa do mercado.**
E tem muito mais:



Taxa a partir de
0,99%
para vender no pré-datado
em até 60 dias ou
parcelado em até 12x.



Com mais de 70 palestrantes, 38º Fórum da Liberdade começa hoje

/EVENTO

Considerado o maior palco de debates da América Latina, o 38º Fórum da Liberdade acontece entre hoje e sexta-feira. O evento reunirá 70 palestrantes, com a expectativa de atingir um público recorde de 6 mil participantes na Pucrs. Sob o tema “Coragem para Escolher”, eles discutirão temas relacionados à economia, política, geopolítica e empreendedorismo. Ainda é possível adquirir ingressos pela plataforma Sympla.

“Optamos por olhar para dentro de cada indivíduo. Tanto a escolha quanto a coragem são aspectos internos de cada um. Sabemos que somente em um ambiente com liberdade é possível tomar decisões por vontade própria. Por esse motivo, o tema ‘Coragem para Escolher’ foi definido para ser a linha central. É um

convite para debatermos e enxergarmos as consequências de cada escolha individual”, explica Paola Coser Magnani, presidente do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), que organiza o evento.

Ao longo da programação, estão previstos painéis no palco principal e palestras paralelas em um formato intimista no Espaço FL Talks e no FL Brands.

Os visitantes poderão aproveitar uma Sala VIP, de um Espaço Livraria com sessões de autógrafos e outras iniciativas culturais. Entre eles, estará um cubo branco no qual o artista e cartunista paulista Schmock organizará uma arte coletiva com os participantes.

Embora inicie às 14h desta quinta-feira, com painéis que discutirão negócios e educação, a abertura oficial do evento acontece a partir das 17h.

Na ocasião, serão entregues

dois prêmios criados pelo IEE e destinados ao reconhecimento de figuras que se destacam na sociedade.

Um deles será o Prêmio Libertas, conferido a indivíduos que se destacam no trabalho pela valorização da sociedade civil organizada como motor de prosperidade. O homenageado da vez será o empresário Leonardo Fração, um dos criadores do Instituto Cultural Floresta (ICF).

Enquanto isso, o Prêmio Liberdade de Imprensa será entregue de maneira póstuma a Silvio Santos, dono da rede de TV SBT. A láurea será recebida por sua filha Renata Abravanel.

O reconhecimento é concedido pelo IEE desde 2007 com o objetivo de homenagear pessoas dedicadas ao desenvolvimento do pensamento crítico e à defesa e à valorização da liberdade de imprensa.

Sachsida cita riscos da política econômica do governo federal



Ontem, o tradicional almoço de abertura do Fórum da Liberdade, realizado no salão da Associação Leopoldina Juvenil, contou com uma palestra do economista e ex-ministro de Minas e Energia, Adolfo Sachsida. Na ocasião, ele falou sobre a situação econômica atual do Brasil e citou os riscos da opção do governo federal de não cortar gastos e apostar no investimento público, ao invés de fomentar a iniciativa privada no País. Advogado, Sachsida também foi secretário de Política Econômica no Ministério da Economia, entre 2010 e 2022, na gestão de Jair Bolsonaro.